

TRABALHO E POLÍTICA EM JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Ligia Cristina Machado (UNICAMP)¹


Resumo: Júlia Lopes de Almeida produziu durante toda sua vida mais de 30 obras de variados gêneros literários, mas soube dividi-las muito bem de acordo com os públicos imaginados por ela. Assim, em obras como *A família Medeiros* (1892), *Memórias de Marta* (1899) e *A falência* (1901) Júlia Lopes falava de situações femininas permeadas por forte problematização política e social. Com o fim da escravidão, pensar o mundo do trabalho era um dos assuntos mais importantes para a política do período e contava com reflexão da maioria dos intelectuais seja por meio de suas crônicas ou romances. Essa comunicação procura trazer a luz esse lado pouco discutido da autora como uma problematizadora de assuntos sociais e do universo do trabalho da Belle Époque.

Palavras-chave: Júlia Lopes de Almeida; política; trabalho; Belle Époque

“O Rio civiliza-se”, escreveu Figueiredo Pimentel na *Gazeta de Notícias*, em 1904, deixando bem caracterizado o espírito do seu tempo. Suas palavras retratam uma impressão generalizada entre os letrados, que atuavam na imprensa e na criação literária, e refletem uma transformação prática e outra ideológica para a recente república brasileira. No plano prático, o país, republicano desde 1889, precisava deixar as marcas coloniais que ainda dominavam a estrutura física de suas cidades, principalmente do Rio de Janeiro, capital federal (SEVCENKO, 2003). No plano ideológico, havia entre esses homens um forte sentimento de reconstrução e reorganização nacional; era preciso pensar que país desejavam construir e qual seria a imagem difundida dessa nação em caráter internacional (VENTURA, 1993).

Assim, o século XX abria-se como um período de expectativas e de necessárias mudanças. No mundo das letras, ao menos dois acontecimentos marcavam o período, a saber, a criação da Academia Brasileira de Letras, em 1897, e o fortalecimento de uma política profissionalizante da imprensa (LEVIN, 1996). A emergência da *Gazeta de Notícias*, em meados da década de 1870, havia sido um dos pontos de partida para essa modificação no universo letrado. A *Gazeta*, vendida por unidade à um vintém, teria sido a responsável por uma “revolução” no jornalismo do período e pelas mudanças que esse sofreria nos anos subsequentes (PEREIRA, 2004, p.39). Na década de 1890, a própria folha enaltecia a política interna de bons pagamentos de seus jornalistas e escritores e

¹ Doutoranda em Teoria e História Literária (IEL/Unicamp). Contato: ligiacristina.m@gmail.com



sublinhava que, se não pagava mais, era por conta do mercado brasileiro não esgotar “dez ou doze mil exemplares a mais” apenas pela presença de um nome ilustre.²

De acordo com Alessandra El Far, em *A encenação da imortalidade*, foi em busca de transformar esse cenário que a Academia Brasileira de Letras e o grupo de letrados que se reunia em torno dela se engajou na sua organização e seu reconhecimento. A agremiação serviria de trampolim para a valorização do fazer literário e contribuiria na profissionalização dessa atividade (EL FAR, 2000). Em um período em que a decepção com a república já se mostrava patente entre tais intelectuais, era preciso que encontrassem novas formas de representação e de reconstrução do *status* que antes, durante os últimos anos da monarquia, com a luta abolicionista, eles possuíam.³ Não é à toa que os escritores que se viram ligados a tal projeto integravam os principais nomes da intelectualidade literária do período e de presença dominante na imprensa.⁴


Júlia Lopes de Almeida, a autora na qual eu pretendo me deter nessa apresentação, chegou a ter seu nome cogitado para integrar a Academia Brasileira de Letras juntamente com os primeiros imortais. No entanto, alegando seguir os preceitos da Academia Francesa, a presença feminina acabou sendo vetada e assim permaneceu por várias décadas. De qualquer modo, isso não muda o espírito de grupo que Júlia Lopes de Almeida tinha ao conviver e compartilhar ideias com alguns dos nomes que formariam a academia.

Júlia Lopes nasceu em 1862, no Rio de Janeiro, porém passou a maior parte da infância e da juventude em terras paulistas, de onde se mudou em ocasião de seu casamento (AMED, 2010; TELLES, 2012). Foi educada em casa demonstrando desde muito cedo o interesse pelas letras, um espaço que ela mesma reconhecia como não sendo próprio às mulheres. Na composição da imagem de seu percurso como autora, Júlia Lopes de Almeida não deixou de assinalar as dificuldades enfrentadas por seu gênero, como podemos perceber pela entrevista dada por ela a João do Rio para *O momento*

² “Concurso Litterario”, *Gazeta de Notícias*, 10 de abril de 1890.

³ Principalmente desde os anos de 1880, todos esses escritores estavam engajados na causa abolicionista e republicana. Viam na república uma verdadeira possibilidade de mudança para o país e acreditavam serem a voz da conscientização do povo. Em poucos anos, com as perseguições e a censura dos governos militares essa visão se tornou uma melancólica desilusão para eles (PEREIRA, 2004; SCHWARCZ, 1993).

⁴ A maioria escrevia, por exemplo, para a *Gazeta de Notícias*, possibilidade que era uma marca de prestígio para eles.




literário, na qual a autora enfatiza o medo que sentiu ao ser descoberta pelo pai na atividade da escrita.

A prosadora publicou mais de 30 obras no decorrer de sua vida, sendo nacionalmente a escritora mais conhecida e reconhecida na virada do século XIX para o XX. Na última década do século XIX, já possuía um respeitável espaço entre seus pares e também entre os leitores, algo que a sua inserção na grande imprensa deixa claro. Na *Gazeta de Notícias* ela ficava entre os escritores mais bem pagos. Meticulosa, a autora conhecia a valorização que tinha, apesar de nunca se manifestar como uma profissional do livro; ser escritora, nas palavras de Júlia Lopes, sempre apareceria como um complemento a sua função principal de esposa e mãe.

Talvez esse discurso da própria autora tenha influenciado os pesquisadores que acabaram preferindo, majoritariamente, analisar suas obras a partir do tema da educação feminina e do acesso dessa mulher oitocentista ao mundo letrado. Longe de menosprezar a importância de tais levantamentos – primordiais para os estudos a respeito da participação da mulher em ambientes públicos e da divulgação de seus nomes nesse espaço – busco trazer outro viés da obra da autora pouco analisado até agora, inserindo-a nesse grupo de letrados que dominaram o cenário da belle époque brasileira.

Minha intenção é olhar para as obras da autora vendo como ela dialogava com questões sociais, políticas e trabalhistas da sociedade de entresséculos, assuntos que normalmente eram vistos como próprios para o discurso masculino e logo ausentes das obras escritas por mulheres. Essa ausência, no entanto, ao menos no caso das obras de Júlia Lopes não é verídica. A autora soube dividir muito bem o tom utilizado em manuais educativos femininos – nos quais o enfoque era realmente a educação dos filhos e a organização do lar – com suas obras literárias – nas quais podemos notar sua preocupação com correntes literárias e estética. Podemos dizer que ela construiu uma espécie de armadilha para o seu leitor ao colocar as questões domésticas como elemento estruturador de suas narrativas ficcionais. Ela parece ter se utilizado da prerrogativa de que o seu espaço era o da casa e dos assuntos familiares para, na realidade, abordar questões políticas muito presentes e explosivas no período, como o caso das formas de trabalho a serem empregadas na república.

Lembremos que entre o falar e agir desse grupo de autores consagrados do entresséculos existe uma diferença. Ainda que desiludidos com a política, por conta de




toda expectativa não alcançada com a república, transformar a opinião pública continuava sendo um dos seus objetivos. Aos seus olhos, a literatura tinha um compromisso com a formação da sociedade, tanto construindo sua história, quanto dando subsídios para o desenvolvimento do futuro (PEREIRA, 2004, p.33). Eles seriam interpretes sociais, capazes de ver e examinar as diferenças entre as camadas populares e burguesas.

Ao sabor do momento, temos em suas obras a admiração com os avanços tecnológicos e o anseio por um progresso urbanístico e cultural. ⁵Ao lado das referências à modernidade que surgem, por exemplo, nas crônicas de João do Rio, surgem também interpretações sobre as classes populares, afinal elas eram um elemento importante na formação da nova nação que almejavam. Dada a abolição, os antigos proprietários passaram a não saber como lidar com as novas possibilidades estruturais da sociedade e as transformações que lhe seriam necessárias (SCHWARCZ, 1993, pp27-28).

Esse conflito de visões se reflete nitidamente nas crônicas do período e, de forma mais velada, nos romances. Sidney Chalhoub observa em *Trabalho lar e botequim* que a transição do trabalho escravo para o trabalho livre acirrou as tensões de classe e deixou a elite mais sensível em relação aos dispositivos de obrigatoriedade do trabalho. A boa sociedade, da recente república, esperava poder incutir nos libertos e classes populares a valorização do trabalho, relacionando-o diretamente com a moralidade e os bons costumes individuais (CHALHOUB, 2008, pp.23-148). Aqueles que não se encaixassem nesse modelo seriam cerceados fisicamente pela força policial e intelectualmente pelo discurso dos letrados, nos jornais da época. Pensar como o trabalho se estruturaria no Brasil era algo presente na seção política do jornal, nas crônicas e nos romances produzidos por seus escritores.

Vale sublinhar que Júlia Lopes era uma mulher da elite; defendia a modernização das cidades, o alargamento das vias e o paisagismo urbano por questões que certamente fariam mais sentido para sua classe e tendo mesmo essa classe em vista. Não podemos perder de vista esses aspectos da vida da escritora quando observamos sua produção literária. Júlia Lopes era uma mulher de valores burgueses que conseguiu prestígio no meio literário exatamente por não desvalorizar a importância das bases familiares e da


⁵ Segundo Orna Levin: “Os homens de letras, atingidos pela crise de profissionalização, que não raro os deixava na miséria e no abandono, e pela paralisia da tradição que os consumia numa precariedade inventiva, viram justamente na identificação com o espírito cosmopolita um caminho de ruptura possível, capaz de conduzi-los ao centro das renovações (LEVIN, 1996, p.26).



mulher como figura estabilizadora do núcleo doméstico. Por outro lado, notar essa permanência não implica dizer que a autora tenha deixado de apresentar as tensões do meio e as claras diferenciações dos gêneros. Temos no seu discurso literário, críticas, por vezes sutis, por vezes palpitantes das injustiças e submissões sofridas pelas mulheres e por outras classes sociais. Segundo Mirella Fontes, Júlia Lopes era uma personalidade ambígua, extremamente consciente das imposições de seu tempo e também de seu lugar social (FONTES, 2002). Talvez por isso mesmo a autora limitasse a intensidade de seu discurso feminista, pesando muito bem o que deveria levar as suas leitoras. Ao lado disso, vale sublinhar que suas principais críticas eram voltadas para a realidade das mulheres burguesas (HELLER, 2006, pp72-76).

Os livros de Júlia Lopes de Almeida estão repletos de situações trabalhistas, as mais diversas, principalmente se levarmos em conta que as tensões da organização da casa também são tensões do universo do trabalho. Compreender como a autora colocava em cena o serviço doméstico de funcionários brancos e negros, nacionais ou estrangeiros, é uma forma de analisar o seu posicionamento diante das questões trabalhistas que se tornavam muito vivas nas discussões parlamentares da época por conta da abolição e da entrada considerável de imigrantes no país. Muitos de seus enredos se estruturam em um diálogo com as tensões políticas do momento de uma forma integrada com as relações familiares construídas pela autora.

Em *A família Medeiros*, obra publicada em 1892, o tema do trabalho é o que movimenta o enredo. Apesar de escrito em 1891, para publicação em folhetim, a história desenrola-se entre 1887 e 1888 mostrando os momentos finais da escravidão no país. Simplificadamente, Otávio volta para Campinas de uma viagem de sete anos na Europa e encontra em sua casa a prima Eva que fora morar sob a proteção de seu pai. Este, no entanto, não suporta a sobrinha por ela ser defensora do fim da escravidão e tida como abolicionista por ele e outros fazendeiros tradicionalistas da região. É preciso lembrar que defender o fim da escravidão e ser abolicionista poderia ter sentidos bem diferentes nesse período. Os abolicionistas, principalmente em São Paulo com os caifazes, estavam tomando diversas medidas para alcançar a liberdade escrava – fossem elas dentro da lei ou não. Essa tensão colocada pela autora nos ombros de sua heroína cria um clima de tensão, desconfiança e perigo, pois implicaria na culpa da heroína em uma rebelião escrava que ocorre no desenrolar da narrativa. Além desse aspecto sobre a inocência ou




não de Eva, o enredo do livro gira em torno das tensões do mundo do trabalho – a pergunta, ainda válida em 1892, era: quem irá substituir o escravo? Ao estudar as tensões políticas do período, especialmente na *Gazeta de Notícias*, folha na qual a obra foi lançada, foi possível perceber que a bandeira da imigração europeia, defendida pela autora, era também defendida pelo periódico que naquele momento colocava-se contra, por exemplo, a imigração chinesa. Publicar um livro abolicionista em 1892 tinha mais a ver com evitar o ingresso de uma nova raça “pré disposta” à escravidão, como era vista a população chinesa, do que com uma preocupação com os negros que já viviam em condições de miséria no país (MACHADO, 2016).

Memórias de Marta, romance publicado em livro em 1899, também tem o seu enredo no universo trabalhista. A história conta a trajetória de mãe e filha, ambas chamadas Marta. A primeira, viúva, depois da morte do marido e sem conhecimentos profissionais passa a lavar roupas para sobreviver com a filha, fazendo esta se focar nos estudos. Para a jovem Marta a profissionalização como professora é a forma para deixar a pobreza e ter condições saudáveis de vida. A educação formal surge aqui não apenas como adendo para meninas burguesas que certamente seguiriam o caminho do casamento, mas como forma de ascensão social e mesmo como garantia de uma vida respeitável. O casamento em *Memórias de Marta* é irrelevante, já adulta ela se casa apenas para não ficar sozinha após a morte da mãe. É a carreira de professora, no entanto, que guia sua vida.

Contudo, vale sublinhar que observando bem as obras de Júlia Lopes desse início da república, notamos um detalhe em relação à argumentação sobre a instrução formal e sua utilização. Ao mesmo tempo em que Júlia Lopes sempre defendia a instrução feminina, a utilização desse conhecimento como um meio de profissionalização só se tornava visível quando essas mulheres não possuíssem outras condições ou apoio masculino. Marta era órfã de pai desde a infância e só possuía sua mãe como família.


A *Falência*, obra de 1901, também é interessante para essa análise. Como diz o próprio nome do livro o mote da história é a falência de um poderoso empresário do ramo cafeeiro do Rio. A autora abre o livro com o movimento do mundo do trabalho, carregadores transportando as sacas de café para o transporte, cena na qual podemos praticamente ouvir o burburinho da rua, dos passos, do esforço empregado por tais trabalhadores. De um lado a história está o tempo todo enfocando o quanto Francisco



Teodoro precisou trabalhar desde que imigrara de Portugal para o Brasil a fim de conquistar enorme fortuna; de outro temos sua esposa Camila que mantém um relacionamento paralelo com um médico amigo da família. A traição, no entanto, não se torna o cerne da narrativa. A ênfase da autora está em mostrar como a imagem da família e principalmente de Francisco Teodoro está atrelada a sua riqueza e a possibilidade de esbanjá-la em grandes festas e comemorações nas quais os outros pudessem ver sua fortuna. A ganância de ser o mais rico entre seus amigos é o que leva o patriarca a colocar toda a fortuna num negócio de risco. A história ambienta-se em 1891 quando o encilhamento levou à falência centenas de famílias brasileiras no furor da república. Diante da crise Teodoro suicida-se por conta da falência de sua firma, sem chegar a saber do relacionamento extraconjugal da esposa. Camila e o grupo de mulheres ao seu redor precisam aprender novas formas de vida, num universo simples e rural. É interessante notar que a autora retira o filho homem do ambiente da casa, casando-o com uma jovem que não aprecia muito a sogra. O jovem deixa assim de ser o responsável direto pela família da mãe; em outra situação ele provavelmente teria a obrigação de sustentá-las, com esse enredo, no entanto, ele apenas passa a ter o dever de filho em “ajudá-las”.

Observando especificamente o negro, sua representação é dúbia em todos os romances. A autora esforça-se para representar a opressão sofrida por eles, mas ao mesmo tempo deixa claro os estereótipos compartilhados por sua classe sobre o trabalhador negro – o qual é constantemente questionado sobre sua habilidade crítica, intelectual e esforço no trabalho. Com a abolição o escravo passava a ter que assumir o duplo papel de trabalhador e cidadão (CANO, 1993, p.158), contudo a boa sociedade de letrados e proprietários não parecia totalmente convencida da capacidade desses novos cidadãos cumprirem com seus deveres. Entre os recém-libertos e os brancos livres, a ideia de liberdade tinha significados diferentes e, na maioria das vezes foi interpretado pelos jornais e letrados como vagabundagem, desordem e violência (CHALHOUB, 2001). Essa diferença de olhares e incompreensão surgem em alguns momentos da obra de Júlia Lopes; contudo é importante verificar quando isso são deslizes e juízos de valores do narrador ou uma representação do caráter de alguns personagens.

Por fim, busquei principalmente mostrar que ao contrário do que a maioria dos pesquisadores vieram enfatizando até agora, a obra de Júlia Lopes pode ser vista por uma perspectiva muito mais abrangente do que fechada dentro de questões internas ao



ambiente doméstico. Júlia Lopes foi dona de um olhar multifacetado, muitas vezes escondido por trás do espaço aberto para as ideias femininas. A autora, no entanto, não se conteve e com sua costura cuidadosa construiu textos que versavam sobre os “delicados assuntos femininos” e “temas viris”, como tradicionalmente eram tratados a política e a economia do país.

Periódicos

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 1890.

Referências bibliográficas

AMED, Jussara P. *Escrita e experiência na obra de Julia Lopes de Almeida (1862-1934)*. Tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo, 2010.

CANO, Jefferson. *Escravidão, alforrias e projetos políticos na imprensa de Campinas*. Dissertação de Mestrado defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, 1993.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

EL FAR, Alessandra. *A Encenação da Imortalidade – uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FONTES, Mirella de Abreu. *Julia Lopes de Almeida – representações de uma mulher/escritora*. X Encontro Regional de História – ANPUH, RJ, 2002.


HELLER, Barbara. *Da pena à prensa – mulheres e leitura no Brasil (1890-1910)*. São Paulo: Porto de Ideias, 2006.

LEVIN, Orna Messer. *As figurações do Dândi – um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MACHADO, Ligia Cristina. *As diversas formas de trabalho no folhetim “A família Medeiros” de Júlia Lopes de Almeida*. Dissertação de Mestrado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2016.

NEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical – sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras – literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*.



TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão – tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical – história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letas, 1991.